

Mapeamento Participativo de Atrativos Turísticos na Comunidade Quilombola do Moinho, Alto Paraíso-GO

Participatory Mapping of Tourist Attractions in the Quilombola Community of Moinho, Alto Paraíso-GO

*Janete Rego Silva*¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6087-5218>

*Leomar Rufino Alves Júnior*²

 <https://orcid.org/0000-0001-7433-1812>

*Carlos de Melo e Silva-Neto*³

 <https://orcid.org/0000-0001-8624-3836>

Resumo

O mapeamento participativo tem sido uma ferramenta para o fortalecimento do território das comunidades tradicionais, elaborado em conjunto com a população foi responsável por apresentar à comunidade quilombola do Moinho, no povoado do Moinho, Alto Paraíso de Goiás, o potencial turístico e outros elementos da mesma. Para tanto utilizou-se como metodologia o levantamento de campo com uso de GPS, drones, registro fotográfico e diálogos com a comunidade. Nesse processo foram identificados pontos que a comunidade entendia como importante a ser representada a exemplo das cachoeiras, rios, e ainda pontos de interesse cultural a exemplo de igrejas, quadras de esporte e outros. Ao passo que foram mapeados locais de interesse, também foram identificados práticas e saberes que a comunidade reconhece como importante. Portanto, o mapeamento foi além de uma ferramenta de empoderamento, mas de reconhecimento dos potenciais que a comunidade possui.

Palavras-Chave: Turismo de Base Comunitária; Cerrado; Comunidade Tradicional.

Abstract

Participatory mapping has been a tool for strengthening the territory of traditional communities, which was developed in conjunction with it and was responsible for presenting the quilombola community of Moinho, in the village of Moinho, Alto Paraíso de Goiás, the tourist potential and other

¹ Doutora em Geografia, Professora da Universidade Estadual de Goiás, janete.silva@ueg.br.

² Doutor em Geografia, Professor do Instituto Federal de Goiás, leomar.junior@ifg.edu.br.

³ Doutor, Professor da Universidade Estadual de Goiás, carlos.melo@ueg.br.

elements in the same way. For this purpose, field surveys using GPS and drones, photographic records and dialogues with the community were used as methodology. In this process, points were identified that the community understood as important to be represented, such as waterfalls, rivers, and also points of cultural interest, such as churches, leisure courts and others. While places of interest were mapped, practices and knowledge that the community recognizes as important to them were also identified. Therefore, mapping went beyond an empowerment tool, but rather a recognition of the potential that the community has.

Keywords: Community-Based Tourism; Cerrado; Tradicional Community.

Introdução

As comunidades tradicionais quilombolas, indígenas, camponesas e outras tem desenvolvido ações para se fortalecerem por meio do turismo, da economia solidária e de outras formas de organização coletiva. Neste sentido, a comunidade remanescente quilombola do Moinho certificada pela Fundação Cultural Palmares sob processo nº 01420.013360/2014-05, com publicação da Portaria nº. 201/2015 em 30/12/2015, formada no final do século XIX, localizada no município de Alto Paraíso, região da Chapada dos Veadeiros no nordeste do estado de Goiás, possui uma forte ligação com a terra (Feitosa, 2017), desenvolvendo atividades rurais, dentre elas o ecoturismo, turismo de experiência e o turismo rural.

Embora tais comunidades tenham um conhecimento sobre o território que vivem, pouco se tem mapeado dos mesmos a fim de registro e divulgação. O mapeamento das áreas surge como uma ferramenta de empoderamento dessas populações, pois se tem diversas situações de conflitos pelos territórios (MacCall, 2014).

A comunidade quilombola do Moinho na região da Chapada dos Veadeiros, embora seja reconhecida pela Fundação Palmares, ainda não possui seu território definido e demarcado, portanto vários de seus bens estão sob pressão fundiária para os diversos usos fora daqueles que a comunidade tem hábito, na tentativa de proteção do seu território, o turismo se apresenta como uma das propostas de desenvolvimento de atividade local.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) surge como um conceito de desenvolvimento do turismo em consonância com as novas perspectivas da atividade, em que há uma valorização da comunidade local, da cultura e dos elementos que já existem naquela comunidade, ao passo que garanta a valorização e proteção do patrimônio cultural do local (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009).

Na região da Chapada dos Veadeiros, na qual está localizada a comunidade quilombola do Moinho, se destaca a comunidade quilombola Kalunga, a qual por anos tem desenvolvido um turismo de áreas naturais, que busca a proteção do meio natural e valorização da comunidade por meio do

turismo de base comunitária, reconhecendo seus saberes tradicionais. Assim, a comunidade se vê valorizada por ter reconhecido o seu conhecimento tradicional como um elemento a ser valorizado e preservado para que outras pessoas as vejam (Moreira e Almeida, 2013).

O mapeamento das áreas de uso e ocupação dessa comunidade é uma ferramenta essencial para que esta possa ter a apropriação do seu território de forma eficiente e com melhor aproveitamento dos potenciais que possuem. A cartografia é utilizada aqui como ferramenta que auxilia no entendimento de como os fenômenos estão dispersos no espaço, as comunidades têm ansiado por se sentirem representadas de forma mais fidedigna ao que vivenciam no seu local geográfico, tendo em vista que grande parte dos mapeamentos não são elaborados de forma colaborativa com as comunidades. As evoluções na cartografia despertaram no mundo a vontade de ser representado por mapas, e até mesmo as populações mais remotas anseiam ter algo que lhes representem. Para a elaboração desses documentos cartográficos muitas vezes é necessário realizar o mapeamento objetivando a representação da realidade com a associação de elementos que expressem a simbologia cartográfica de acordo com a comunidade mapeada. Esses elementos buscam retratar da forma mais fiel possível o espaço geográfico (Araújo et al 2017).

A cartografia social ou cartografia participativa consistem no encorajamento das comunidades, para que façam o mapeamento das suas áreas de interesse, a exemplo de cobertura e uso da terra, patrimônios naturais, área de interesse cultural, e outras. Dessa forma, são as comunidades que indicam seus elementos de interesse e quais são aqueles que precisam estar representados nos mapas que serão elaborados (Gilmore; Young, 2010). Quando a comunidade participa do processo como um todo, no planejamento, aquisição, análise e avaliação dos resultados dos mapeamentos, o mesmo se torna mais fidedigno ao que se tem no mundo real, haja vista que, no processo de mapear um determinado objeto sempre se tem distorções.

Esse trabalho tem como objetivo identificar e mapear as áreas com potencial turístico na comunidade quilombola do Moinho, em Alto Paraíso de Goiás – GO, nos anos de 2023 e 2024, utilizando para tanto levantamento de dados em campo, e ainda uso de base de dados secundários. O trabalho de mapeamento da e pela comunidade teve início por meio do projeto de financiamento da fundação Boticário, em que a comunidade recebeu aporte financeiro e a mesma geriu todo o recurso a fim de escolher as ações que seriam desenvolvidas.

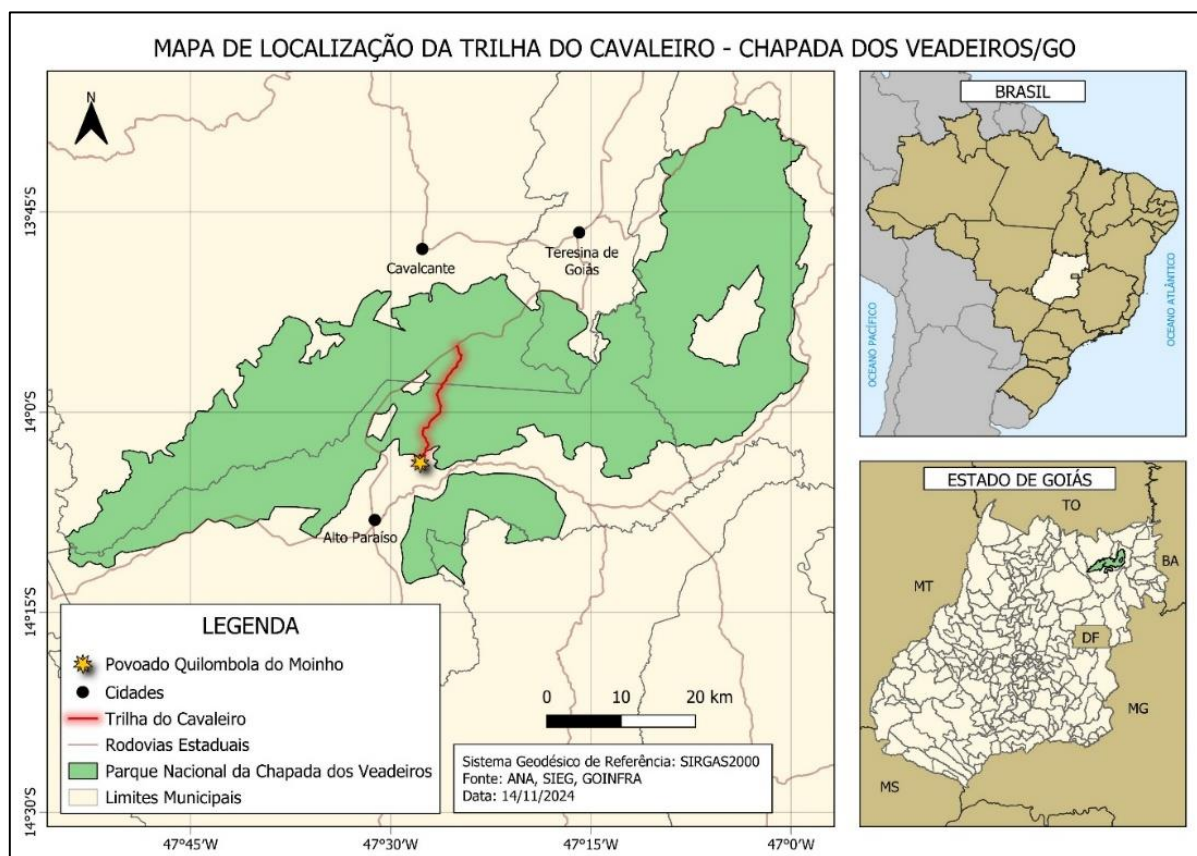
Área de Estudo

O povoado do Moinho, com uma população de aproximadamente 500 habitantes, é uma área de remanescentes de quilombo que mantém uma relação muito forte com os recursos naturais da região, pois é localizada em um vale entre duas grandes serras: do Paranã e Água Fria, e nesta região encontram-

se várias nascentes, em específico do rio São Bartolomeu, o qual nasce na região e percorre aproximadamente 100 km até a região de Nova Roma.

O povoado está localizado a aproximadamente 12km de Alto Paraíso, sede do município. Apresenta solos férteis, em que se tem diversas produções (cana-de-açúcar, mandioca e frutíferas) bem como pastagem para a produção de leite e seus derivados. Ainda, na região do Moinho encontram-se diversos atrativos naturais (a exemplo das cachoeiras Anjos e Arcanjos) que chamam a atenção para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, tais atrativos são poucos conhecidos, neste sentido, buscou-se contribuir no desenvolvimento coletivo por meio do mapeamento participativo (GIRARDI, 2016) dessas áreas, em específico a Travessia Cavaleira (designação da comunidade para a trilha), trilha dos caminhantes locais, a qual era e ainda é utilizada para transporte de animais, coleta de flores típicas do Cerrado (chuveirinho, pilé, pelipalan e estrelinha), as quais são comercializadas em diversos locais do estado, bem como para o turismo, Figura 1.

Figura 1: Localização da comunidade/povoado do Moinho e Trilha do Cavaleiro em Alto Paraíso e o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Materiais e Métodos

A metodologia aplicada para realizar os levantamentos de dados de campo foi em primeiro momento, uma reunião de planejamento com a comunidade, em específico aquelas pessoas que tinham conhecimento sobre os pontos de interesse, pois foram eles que determinaram os elementos que gostariam que fossem apresentados no mapeamento.

Para realizar o mapeamento da trilha/travessia foi utilizada coleta de dados com receptor de sinais de satélite (GPS, GLONASS e Galileo) de navegação da marca GARMIN, modelo MONTANA 700, e voos com drones (Matrice 210 e Ebee RTK Plus), os quais foram realizadas nos meses de junho e novembro de 2023, com o intuito de auxiliar na precisão do mapeamento utilizou-se receptor de sinais de satélite geodésico, tal mapeamento contou com a presença de várias pessoas da comunidade, as quais indicaram o caminho, bem como foram identificando os nomes dos locais a exemplo de morros e regiões etnogeográficas, relacionando tal mapeamento a realidade que se apresenta. No processo de mapeamento foram identificadas área frágeis na trilha, áreas úmidas, com solos hidromórficos com a presença de vegetação do tipo campo, também foi possível mapear pontos de drenagem de diferentes portes, córregos, riachos e cachoeiras.

A vegetação da região é típica do bioma Cerrado, na qual encontram-se diversas fitofisionomias, sendo elas campestre (com presença de gramíneas nativas e exóticas), savânica (Cerrado stricto sensu), florestal (Veredas, Mata Ciliar, Cerradão), e em vários trechos da trilha foram identificadas área de Veredas, as quais são ambientes muito susceptíveis ao processo de degradação. O mapeamento da trilha/travessia abrangeu 22 Km de percurso, trecho o qual conecta a GO-118 até o povoado do Moinho, todo o trajeto foi percorrido a pé, uma vez que não é possível fazê-lo com veículo automotor.

Ao longo do percurso foram coletadas imagens por meio de fotografias e vídeos da região. Ainda, com a participação da comunidade foram feitos diálogos acerca da história de uso da trilha e das diferentes regiões que perpassam.

Na região do povoado do Moinho foram mapeados elementos culturais e naturais que a comunidade identificou como sendo de interesse, igrejas, escolas, posto de saúde, casas de moradores de referência e outros locais.

Resultados

É importante ressaltar que, no processo de ampliação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros em 2017, as áreas antes utilizadas pelos moradores do povoado para pastagem e agricultura foram incorporadas a ele, sendo assim a situação fundiária de uso das terras na região tem levantado diversos debates sobre o melhor meio de relacionar as atividades já desenvolvidas com a conservação do parque e seu território, portanto, o mapeamento das áreas de interesse da comunidade pode empoderá-

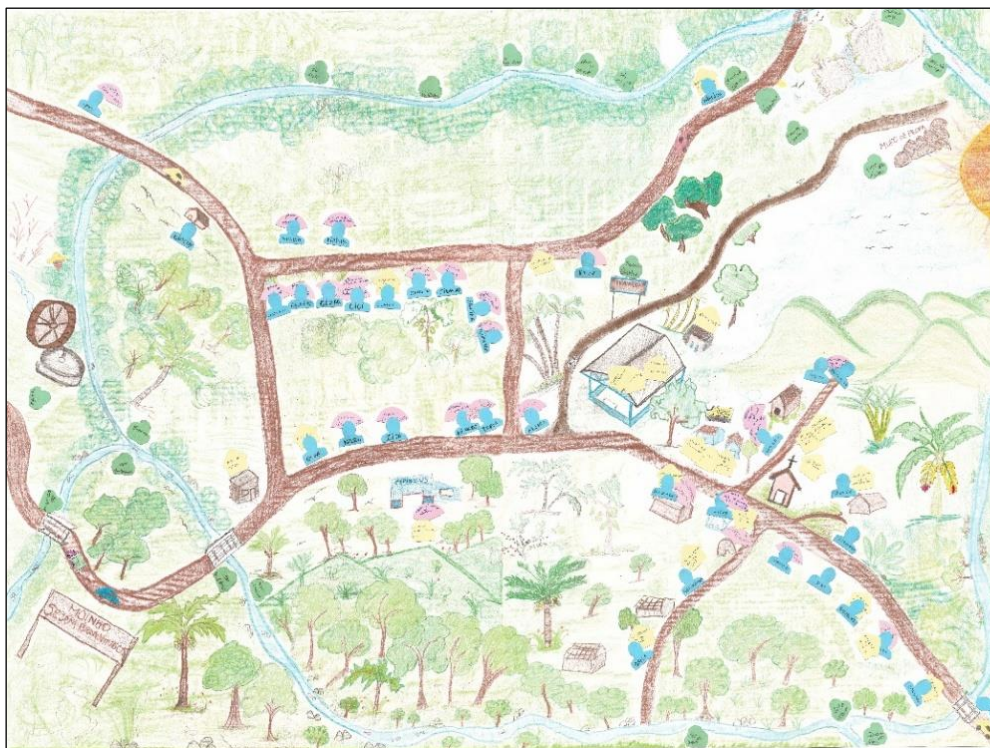
la na apropriação do seu território (HAESBAERT, 2007). MacCall (2014), identificou elementos similares em estudos com comunidade indígenas e tradicionais na América Latina, em que as pressões de outros grupos sob os territórios destas comunidades, para desenvolver práticas de agricultura, pastagem, mineração e outras, faz com que as mesmas tenham interesse em elaborar mapeamentos para delimitação de suas áreas.

Visto que o mapeamento é uma das etapas que compõe o projeto, teve-se ainda, um diálogo de entendimento sobre a identificação da comunidade com o território ao qual ela está relacionada, foram realizados encontros com o objetivo de entender de que forma a mesma se vê enquanto comunidade quilombola, situada em ambiente de Cerrado (Figura 2). Ao passo que a identificação dos pontos de reconhecimento da comunidade como território passível de atividades turísticas pode ser observada nas Figuras 2 e 4. Em diálogo com a comunidade foi possível perceber que o conhecimento tradicional associado aos pontos turísticos mapeados, são patrimônio cultural da mesma, pois nota-se um envolvimento afetivo com cada local mapeado.

Ainda, foram identificadas área de interesse local, morros com nomes locais (morro do Mocó) onde nota-se o afloramento de quartzito, e vegetação de Cerrado stricto sensu, córrego do Santo Antônio com pequenas quedas d'água próprio para banho, no qual nota-se a presença de uma pequena vegetação de mata ciliar. Dentre as espécies protegidas ou ameaçadas encontradas na região, estão a *Eremanthus argenteus* MacLeish & H.Schumacher (Asteraceae) considerada em perigo de extinção (EM) e a *Bromelia goyazensis* Mez (Bromeliaceae), endêmica do Cerrado goiano. Também foram percorridos trechos de vegetação campestres destacando a vegetação rasteira com presença de machas do murici rasteiro (*Byrsonima viminifolia* A.Juss. (Malphigaceae) e a erva pilé (*Xyris paradisiaca* Wand.), planta usada pela comunidade no extrativismo. (Figura 04).

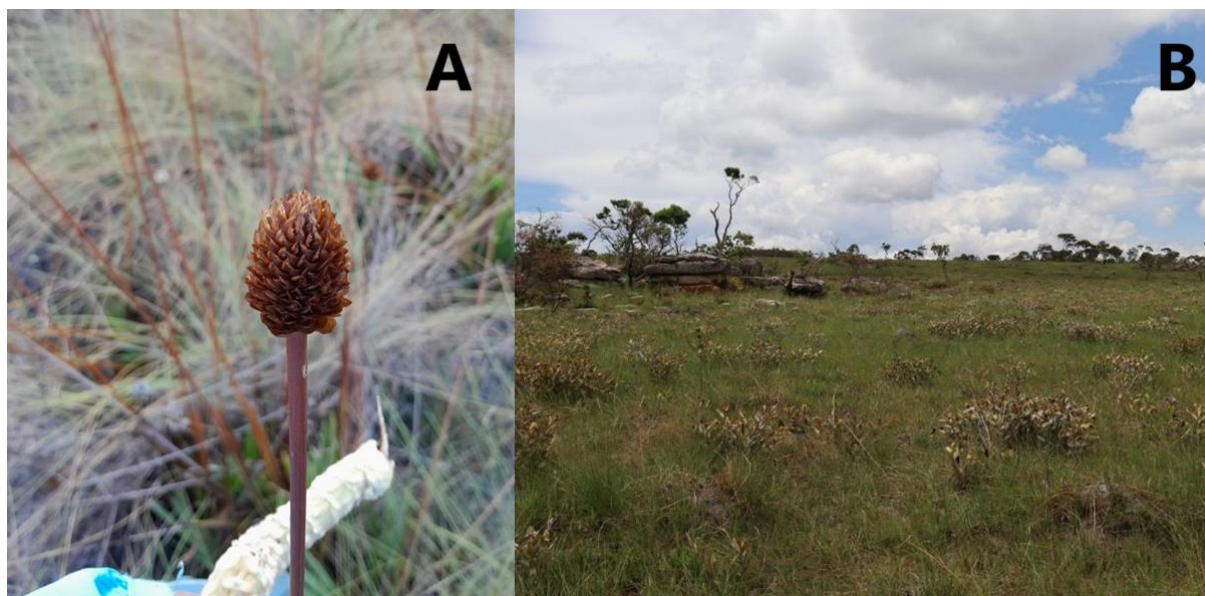
Analisando o território mapeado da comunidade nota-se que esta é uma área com alto potencial para o turismo em áreas naturais, para desenvolvimento de atividade associadas a proteção do Cerrado, uma vez que na área há uma grande concentração de áreas preservadas, ora pela comunidade que vive a anos na região, ora pela delimitação do parque, que garantiu e garante a proteção das áreas naturais da região.

Figura 2: Mapa afetivo elaborado pela comunidade durante o curso de Conductor de Turismo, identificando os principais atrativos da comunidade.



Fonte: Elaborado pela comunidade do Moinho, 2024.

Figura 3: A. Erva pilé (*Xyris paradisiaca* Wand.), B. murici rasteiro (*Byrsonima viminifolia* A.Juss.).

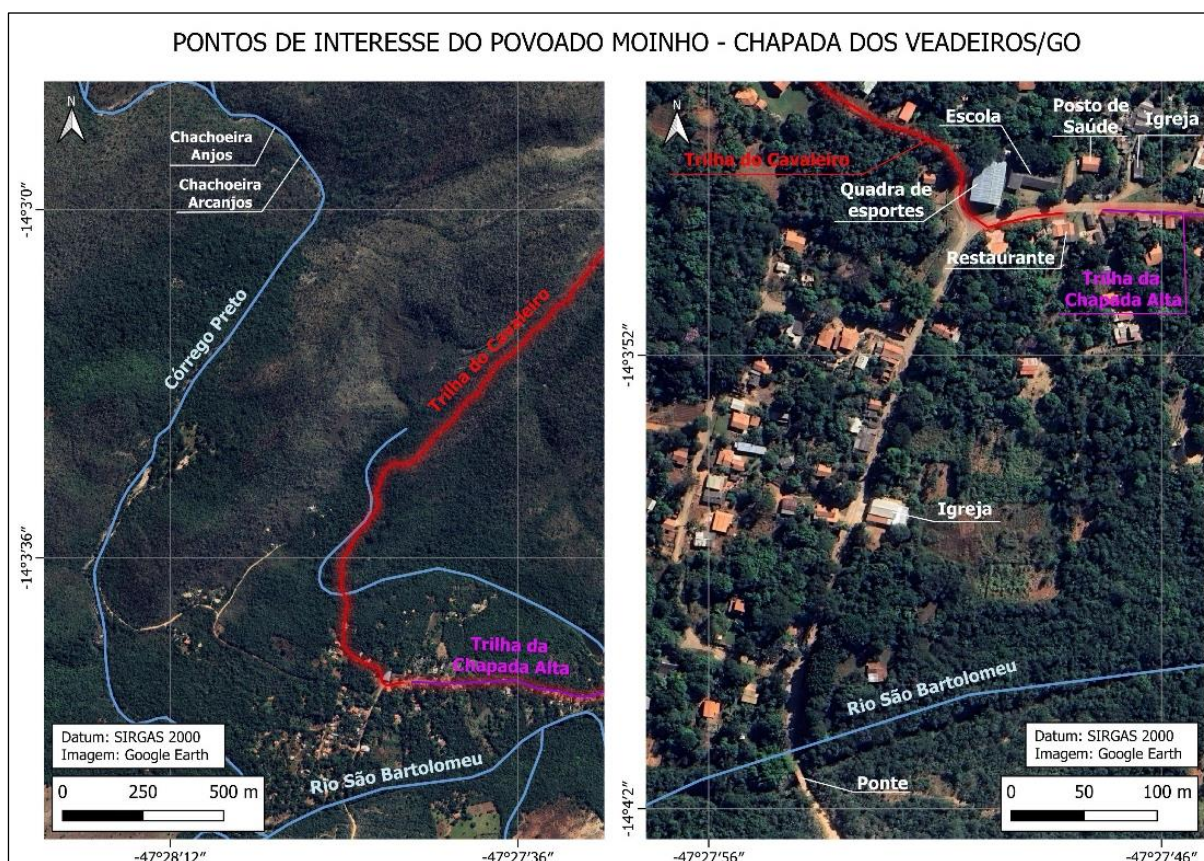


Fonte: Autores, 2024.

Ao observar a relação entre o mapa elaborado manualmente pela comunidade e o mapa em que identificamos os pontos de interesse é possível notar uma relação direta a igreja, a quadra as casas de pessoas referências na comunidade e toda a natureza que cerca o território da comunidade.

Neste sentido o mapeamento de campo com dados de receptor de sinais de satélite e drones trazem para a comunidade local e ainda aos turistas um melhor detalhamento das informações, de tal forma que seja possível demonstrar as características e aspectos do território que foram mapeados, como atrativos turísticos naturais (cachoeiras e rios) e ainda o patrimônio cultural da comunidade (igrejas, quadras de eventos e outros). O mapa desenvolvido pela comunidade, sem o uso do (Sistema de Informações Geográficas) SIG, apresentou o mesmo elemento e mais alguns indicando a valorização dos moradores mais velhos, como detentores de saberes e práticas que representem a comunidade.

Figura 4: Mapeamento dos pontos turísticos e de potencial turístico na comunidade quilombola do Moinho e trilhas turísticas.



Fonte: Autores, 2024.

A área mapeada foi delimitada com base na trilha realizada com a comunidade, neste sentido a participação da comunidade local contribuiu no entendimento da dinâmica da paisagem e ainda, para identificar pontos de interesse dos mesmos bem como, possíveis pontos de atrativos turísticos com vistas a fortalecer o desenvolvimento do turismo e conservação do Cerrado goiano. Essa região é fortemente dominada por paisagens de campos (conhecidos como Gerais de Goiás), com presença de áreas úmidas

as quais não podem ter presença humana constante, considerando o circuito de trilhas, sendo assim se faz necessário que o trajeto seja revisto, para mitigar os impactos neste ambiente.

Considerações Finais

O mapeamento participativo com comunidades tradicionais é uma ferramenta essencial para o empoderamento da mesma, pois nele é possível visualizar para a comunidade e demais pessoas o potencial que se tem.

Na trilha cavaleira, área de interesse cultural e natural da comunidade, foram identificadas várias espécies vegetais com interesse botânico, de ornamentação e para uso medicinal. É importante ressaltar que há ainda as práticas tradicionais da comunidade como a produção de farinha, de rapadura, dos saberes associados ao ambiente do Cerrado.

O mapeamento das áreas indicadas pela comunidade possibilitou entender de que forma a mesma interage com o território que habita, identificando locais de lazer, de convívio social, de celebração religiosa, de experiência com o Cerrado. Nesse sentido foi possível demonstrar para a comunidade o potencial de proteção das áreas naturais, dos recursos culturais como os saberes tradicionais relacionados ao Cerrado.

Referências

- ARAÚJO, F. E.; ANJOS, R. S.; ROCHA-FILHO, G. B., Mapeamento Participativo: Conceitos, Métodos e Aplicações, **Boletim Geografia Maringá**, v. 35, n. 2, p. 128-140, 2017.
- BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.; BURSZTYN, I. (Orgs). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- FEITOSA, E. A., S., S., **Identidade e Cultura: Estudo Etnogeográfico da Comunidade tradicional do Moinho em Alto Paraíso de Goiás**, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2017, 159p.
- GILMORE, M. P.; YOUNG, J. C. (2010). The Maijuna participatory mapping project: Mapping the past and the present for the future. Perú: Maijuna, **Rapid biological and social inventories Report**, 22, 233. <https://doi.org/10.1007/s10653-022-01412-8>.
- GIRARDI, G. Mapeamento participativo, cartografia social e crítica: breves notas para um debate sobre práticas cartográficas escolares. In: AGUIAR, L. M. B.; SOUZA, C. J. O. (Org.). **Conversações com a Cartografia Escolar: para quem e para que**. São João del Rei: UFSJ, 2016, v. 1, p. 83-95
- HAESBAERT, R., Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.
- MACCALL, M. K., Mapping Territories, Land Resources and Rights: Communities Deploying Participatory Mapping/PGIS in Latin America, **Revista do Departamento de Geografia – USP**, Volume Especial Cartogeo (2014), p. 94-122.
- MOREIRA, J. de F., R.; ALMEIDA, M., G., de. O lugar Kalunga como lugar turístico: um olhar sobre o turismo rural no Engenho II em Cavalcante (GO). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 6, n. 3, 2013.